

O ARTESANATO EM PORTUGAL:

A imagem clara do nosso subdesenvolvimento

Artesanato é hoje em dia uma palavra cujo significado parece estar suficientemente clarificado: Trabalho manual, raízes profundas na nossa cultura, valor artístico. Estas ideias são por sua vez apadrinhadas por uma etnografia e antropologia que lhes garantem a sua autenticidade. Mas o artesanato também pode evocar uma indústria com vastas perspectivas, balança de pagamentos. etc.

Mário C. Moutinho*

Pois bem, se a etnografia e antropologia clássica fazem bom par com as ideias generalizadas de artesanato que referimos, há também uma antropologia mais renitente, e até certo ponto inconciliável, com essas ideias. O presente artigo procura apresentar algumas reflexões, que nos levam a pensar que o artesanato em Portugal, nos anos em que vivemos, tem um significado bem mais vasto e complexo.

Quem teria a leviandade de não considerar os bordados da Madeira uma das expressões mais válidas do artesanato português? Com base nos inquéritos que orientámos na ilha da Madeira, no quadro da Cadeira de Antropologia Cultural, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa (**Bordado da Madeira**, Maria José Soares e Raimundo Quintal, 1981; **Vida e Trabalho das Bordadeiras do Curral dos Romeiros**, Bernardete Pestana, Diamantino Santos, Gilberto Pita, José Garcês e Natividade Jesus, 1982), ficou-nos a certeza de não termos visto as bordadeiras folclóricas, bordando na soleira de porta de casas «Tipo Madeira».

Nem tão pouco pudemos observar a ideia que o Grémio dos Industriais de Bordados da Madeira, dava sobre o assunto: «esta arte doméstica que pelo facto de se exercer em família, contribui de um modo tão feliz à excelente moralidade da mulher madeirense, passa de geração em geração e cria com o tempo em cada lar uma operária que em relação às outras se aproxima cada vez mais da perfeição, o que é considerado como uma honra e constitui ao mesmo tempo uma mais abundante fonte de receita, visto que o seu trabalho, devido à sua perfeição é disputado a altos preços («Pequena história dos bordados madeirenses», GIBM, 1958). A realidade que pudemos observar, foi antes a de um sector da produção, onde os produtores recebem os salários provavelmente mais baixos do país.

* (*) Arquitecto, doutorado em Antropologia Histórica e Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa.

Salário e estética do bordado

O cálculo do salário é feito a partir de uma tabela oficial onde por cada 100 pontos, a bordadeira recebe 31\$60 (em 1981 este valor era de 25\$00). Por exemplo: «6 garanitos seguidos - espécie de bolinhas bordadas - ou uma folha aberta, representam 1 ponto; uma viúva, 2 pontos; um metro de ponto francês ou de corda 25 pontos.

Isto significa que para receber 31\$60, a bordadeira tem de realizar 600 garanitos, 100 folhas ou 4 metros de ponto francês ou de corda!!!

Depois de uma análise rigorosa dos tempos necessários para executar os tipos de bordado mais correntes, chegamos à conclusão que uma bordadeira executa em média 26 pontos por hora, pelos quais recebe de salário horário 8\$30, ou seja: por 8 horas de trabalho a quantia de 66\$40!!! Estes valores descem ainda no bordado em organdy para 5\$00/hora ou seja 40\$00 por dia!!!

Note-se que os salários pagos à produção em nada são idênticos aos de comercialização. Como é, pois, possível preocuparmo-nos de «estética», «valor artístico», «raízes profundas», se aquelas que o bordam são certamente as artesãs mais mal pagas da Europa? Não fosse a situação de grande desemprego aliada a uma economia rural desarticulada e miserável, que a produção e exportação para a CEE e USA deste «artesanato», há muito teria acabado. Não será, pois, um erro fundamental falar de bordado da Madeira, sem referir primeiro as condições da sua produção?

É talvez aqui que aparece a ruptura entre as duas Antropologias de que falámos. Que a Antropologia clássica, continua a olhar a estética e as origens do objecto produzido, já que a Nova Antropologia se preocupará da vida daquelas que o produzem, do seu processo de produção, sem confundir esta perspectiva com a análise de técnicas ou tecnologias. Só partindo do estudo do processo de produção poderemos compreender o significado do objecto produzido.

Exploração aviltante de olhos na CEE

No fundo o que constatamos, é a existência de um sector da produção destinada essencialmente aos mercados da CEE e Estados Unidos instalado na Ilha da Madeira, local onde a pobre economia agrícola levou ao desenvolvimento de uma massa de mão-de-obra disponível e à beira da ruptura, numa economia de subsistência.

Isto explica a forma aviltante como são tratadas as bordadeiras, pois além dos salários de miséria, não têm intervenção alguma na concepção do produto (característica da produção artesanal?) e estão sujeitas a um esquema de exploração poucas vezes visto, mesmo num país como Portugal.

Têm de pagar as linhas com que bordam e na falta de instalações próprias para a produção, trabalham em casa à luz do dia, do lusco-fusco, do petróleo ou de uma pequena lâmpada, pois não é fácil para pagar electricidade quando a têm. Os proprietários desta produção que o digam, pois se tivessem de investir na instalação e manutenção de ateliers para as cerca de 20.000 bordadeiras, teriam certamente que reduzir a sua margem de lucros ou aumentar os preços de venda no mercado. Neste último caso, a concorrência do bordador de Hong Kong ou Singapura arruinariam em pouco tempo a produção madeirense. Por outro lado, baixar os salários levaria provavelmente ao agravamento dos conflitos sociais e a um abandono acelerado desta produção pelas bordadeiras. Aliás, este fenómeno observa-se já desde há algum tempo, preferindo os jovens vender a sua força de trabalho na indústria hoteleira ou mesmo nas novas fábricas de bordado mecânico, onde encontram melhor remuneração. Como várias vezes nos foi referido, qualquer outro trabalho na ilha é bem mais remunerado que os famosos bordados.

Modo de produção «esclavagista» na Ilha

Podemos mesmo pretender que a reprodução de trabalho talvez já nem se situe no quadro deste sector produtivo, pois a reprodução das condições de produção em geral, está em franco declínio. Isto é válido, quer se trate de reprodução «simples» das condições anteriores, quer de uma reprodução alargada. Por exemplo, o ensino da técnica do bordado, depois de ter sido feito nas escolas primárias durante o Estado Novo, cessou hoje em dia quase totalmente. As bordadeiras que produzem bordado madeirense têm em geral mais de 45 anos enquanto que as mais novas apenas trabalham em organdy com aplicações, pois é um tipo de bordado muito mais simplificado.

Os salários também não permitem garantir a reprodução da força de trabalho, que no essencial continua dependente da pequena exploração agrícola.

No modo de produção esclavagista, em certas épocas, quando o tráfico estava no auge, substituíam-se um escravo esgotado ou morto por um «novo». Do produto das explorações mineiras, de cana-de-açúcar ou de cacau pouco ia para a reprodução da força de trabalho. Na Madeira, não estamos longe de tal processo; não é certamente com base no bordado que a força do trabalho se reproduz.

Tudo tem os seus limites, no entanto. Ocupando a agricultura um certo número de horas de trabalho por ano, a necessidade de tempo que as bordadeiras têm para cozinhar, tratar dos filhos, dormir, etc., facilmente nos apercebemos que este «artesanato» tem os seus limites definidos pelo tempo possível de trabalho individual multiplicado pelas 20.000 bordadeiras. Dai que o produto possível de realizar esteja dependente da força de trabalho disponível e não de qualquer tradição artística.

Tempo do «nylon» salva a indústria

As empresas que controlam o processo têm, pois, que definir os produtos a executar em função dos mercados a que são destinados e do que é possível bordar num certo número de horas anualmente. Não garantindo a reprodução das condições de produção ao mesmo tempo que produzem, as empresas têm progressivamente que adoptar modelos de bordados possíveis de ser executados por uma mão-de-obra nova, cada vez mais com menos preparação. Assim, os pontos mais demorados e difíceis de realizar têm tendência para desaparecer bem como os tecidos e linhas difíceis de manipular. Longe está o filó do século passado. Chegou o tempo do «nylon», da «Trevira» e do «Terylene»!

Claro está que paralelamente à produção do grande número, se mantém em pequena escala a confecção de bordados muito elaborados. Só que estes são uma forma de investimento, e aqueles os produtos de uso corrente. Entre estes pode ver-se em qualquer casa de bordados do Funchal toalhas de nylon, blusas de alças, vestidos e saias de Trevira, roupões de Terylene. No campo, nas mãos de bordadeiras vimos fazer sacos de tela com a inscrição «Açores», e uma fábrica com a mais moderna maquinaria, camisas de noite vaporosas e bibes para criança em tecidos «*made in Tailândia*».

O problema da mecanização e fabrico em série é aliás incompatível com a ideia de trabalho manual própria do artesanato. Trata-se de uma dupla mistificação, mas que não analisaremos neste artigo.

Por agora apenas perguntamos se não será nestas reflexões que poderemos encontrar a essência do artesanato?

Artesanato explora trabalho infantil

Evidentemente que o artesanato português não é só o bordado da Madeira, mas o panorama é idêntico se pensarmos por exemplo na olaria ou no variado artesanato tecido. Aqui a utilização de mão-de-obra infantil ainda é mais flagrante, de forma que o valor das peças produzidas leva a salários bem inferiores ao mínimo nacional se contarmos o verdadeiro número de horas despendidos na produção. Que alguns artesões, em particular «bonecreiros» (expressão de que não gostamos), consigam sair do esquema traçado e receber quantias substanciais pela sua produção, não invalida de modo algum o que dizemos, pois representam uma ínfima minoria comparada com as dezenas de milhares restantes. Aliás, esses «bonecreiros» produzem em larga escala objectos em série ficando nós sem sabermos qual das actividades lhes garante a subsistência.

O artesanato português é, pois, quanto a nós a expressão da época em que vivemos: desemprego rural, salários de miséria, mão-de-obra infantil.

Podemos agora perguntar, porque razão o artesanato nunca é apresentado na sua verdadeira essência, e tanto o Estado como comprador em geral se «obstinam» a representá-lo como algo de bem-vindo, de salutar, de simpático, de positivo?

Parece-nos que estamos, como diria Louis Althusser, em presença de mais uma representação da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência. Isto é, em presença de um dos aspectos da Ideologia dominante pela qual se transforma a realidade, na justificação mais larga das condições de existência em geral.

Objecto artesanal e passado mítico

A ideologia do artesanato aparece aqui ao mesmo nível que por exemplo a ideologia escolar, colonial, familiar ou jurídica.

Teoricamente, artesanato só existe, se produzido manualmente. Partindo deste princípio que nos parece de difícil contestação, somos levados a pensar que ideologicamente o que é valorizado é a relação exclusiva Homem-Matéria, ou seja uma forma imaginária de trabalho (primitiva, tradicional?) realizada fora de relações sociais de produção. É, de certa forma, a única actividade possível de ser executada pelo «bom selvagem» de Rousseau. Lembremos que para Rousseau o «bom selvagem» é anterior à sociedade. Entre a matéria e o homem, apenas existe a principal faculdade desse ser, que é a liberdade. O objecto produzido (o fruto recolhido) aparece assim no discurso ideológico dominante (incluindo o da antropologia clássica) como resultado da escolha totalmente livre, de pelas suas mãos transformar a matéria. No fundo trata-se de uma actividade que não seria afectada pela condição histórica do homem, por quaisquer relações sociais de produção, que a serem admitidas transformariam o homem (mítico) num produtor, quem sabe, num proletário. O objecto artesanal aparece pois como símbolo duma relação não conflituosa, não política.

Por seu lado, o detentor do objecto artesanal, não faz mais que rodear-se de representações da ideologia dominante, alicerçadas na representação de um passado mítico.

Ao pormos em evidência as condições de produção do artesanato, em Portugal, o prato de barro alentejano, o cinzeiro de Bisalhães, a manta de retalhos, o naperon da Madeira, o candeeiro saloio de barro para electrificar, transformamos representações míticas, em objectos históricos, que bruscamente ganham um novo valor, um novo significado: A imagem clara do nosso subdesenvolvimento.

(Os subtítulos são da responsabilidade da redacção)